

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: RELAÇÕES NA
CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL**

ARTIGO DE ESPECIALIZAÇÃO

Lais Cavalheiro Rigo

**Santa Maria, RS, Brasil
2014**

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: RELAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL

por

Lais Cavalheiro Rigo

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Educação Física Escolar do Programa de Pós Graduação em Educação Física, Linha de Pesquisa Pedagogia e Didática na Educação Física Escolar, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Especialista em Educação Física Escolar.**

Orientadora: Prof^ª Mara Rubia Alves da Silva

**Santa Maria, RS, Brasil
2014**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação Física
Programa de Pós-Graduação em Educação Física Escolar**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo de Especialização

**EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: RELAÇÕES NA CONSTRUÇÃO
DA IMAGEM CORPORAL**

elaborada por
Lais Cavalheiro Rigo

como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Educação Física Escolar

COMISSÃO EXAMINADORA:

Mara Rubia Alves da Silva, Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

João Francisco Magno Ribas, Dr. (UFSM)

Maria Cecília Camargo Günther, Dr^a. (UFSM)

Rosalvo Luis Sawitzky, Dr. (UFSM)

Santa Maria, 06 de Março de 2014.

*Aprender, ensinar e estudar
Palavras que se completam
Que relação existe entre elas?
Será que fazem sentido isoladamente?
Será que dependem umas das outras?
Será que fazem maior sentido quando se completam?
Não sabemos!
Ou será que sabemos?
Será que aprendemos quando estamos ensinando?
Será que ensinamos quando estamos aprendendo?
Será que estamos estudando quando estamos aprendendo?
Será que estamos estudando quando estamos ensinando?
Será que estão nos estudando quando estamos ensinando?
Será que estão nos estudando quando estamos aprendendo?
A arte de aprender, ensinar e estudar se completa
Será que é feliz aquele que estuda e não pode ensinar?
Será que é feliz aquele que ensina sem estudar?
Será que é feliz aquele que aprende sem estudar?
Será que é feliz aquele que estuda sem aprender?
Será que é feliz aquele que estuda, aprende, mas não consegue ensinar?
Acho que sabemos!*

(“Será?”, de Eleandro Jannibelli)

AGRADECIMENTOS

Poucos são os momentos que paramos para agradecer e muitos são os merecedores de agradecimentos. É difícil transcrever as diversas memórias de míseros dois anos, tempo que levei para concluir este curso de especialização, que hoje me motivam a agradecer!

A comunidade acadêmica da UFSM, por instigar-me a continuar buscando respostas e possibilidades de construir saberes capazes de transformar nossa sociedade.

A comunidade escolar que me acolheu, no Município de Santo Augusto, e tornou possível a conclusão deste estudo.

Ao Centro de Educação Física e Programa de Pós-Graduação em Educação Física pelo suporte e empenho contínuo para garantir a formação qualificada de novos Profissionais.

Aos mestres e colegas que contribuíram, nas discussões em sala de aula, para o encontro de possíveis caminhos para a Educação Física Escolar.

A orientadora, mestre, colega e amiga Mara Rubia pela disponibilidade de tempo, por compartilhar desejos e realizações e permitir-se a troca de experiências.

Ao esposo, Dhonathã, pela companhia insubstituível, pela compreensão, carinho e amor dedicados a cada dia com maior intensidade.

Aos meus pais, Antonio e Ines, aos quais nunca me cansarei de agradecer por toda a confiança, todo o apoio, pela dedicação imensurável e amor incondicional de pais.

Aos manos, Gabriel e João Paulo, a mana Jocelaine e seu esposo Paulo, pelos momentos de riso e diversão, pela companhia e apoio.

A sobrinha Isadora, que me faz refletir sobre a dádiva da VIDA! Vida de momentos, dúvidas, alegrias, decisões, erros, acertos, caminhos, saberes! À ela dedico a conclusão deste passo em minha formação profissional.

RESUMO

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: RELAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL¹

Conhecendo o cenário da Educação de Jovens e Adultos surgiu a intenção de averiguar qual a imagem corporal construída por alunos da EJA, como esses jovens, adultos e idosos percebem-se enquanto corpo, partindo do princípio de que nossas vivências sejam emocionais, corporais e de relações com o outro e com o mundo são fatores primordiais para a construção da Imagem Corporal. Para obter respostas, aos nossos objetivos, utilizamos a entrevista enquanto instrumento de coleta de dados e a Análise de Conteúdo para interpretação das comunicações. Compreendemos que o cenário da EJA é heterogêneo, alunos com histórias de vida tão semelhantes e ao mesmo tempo tão distintas, cada sujeito usou de uma linguagem própria para descrever a sua concepção de corpo. Podemos afirmar que as imagens construídas estão consolidadas a partir de significados históricos, sociais e culturais inculcados na história de vida destes sujeitos.

Palavras chave: EJA; Imagem Corporal; Corpo.

RESUMEN

EDUCACIÓN DE JÓVENES Y ADULTOS: CONSTRUYENDO RELACIONES EN IMAGEN CORPORAL

Conociendo la etapa de la Educación de Jóvenes y Adultos apareció intención de verificación de la imagen del cuerpo construido por estudiantes de la EJA, ya que estos jóvenes, adultos y adultos mayores perciben a sí mismos como un cuerpo, suponiendo que nuestras experiencias son emocionales, corporales y las relaciones con los demás y con el mundo son factores clave para la construcción de la Imagen Corporal. Para obtener respuestas, para nuestros propósitos, utilizamos la entrevista como instrumento de recolección de datos y análisis de contenido para la interpretación de las comunicaciones. Entendemos que el escenario de la EJA es heterogénea, los estudiantes con historias de vida tan similares y tan diferentes, cada sujeto utiliza su propio lenguaje para describir su visión del cuerpo. Nuestro conocimiento, las imágenes construídas se consolidan a partir de significados históricos, sociales y culturales inculcados en la historia de vida de estos sujetos.

Palabras clave: EJA, Imagen Corporal, Cuerpo.

¹ Artigo produzido seguindo estrutura para possível publicação na revista Pensar a Prática – Periódico científico da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás.

ABSTRACT

YOUTH AND ADULT EDUCATION: BUILDING RELATIONSHIPS IN BODY IMAGE

Knowing the stage of the Youth and Adult Education appeared intended to ascertain which body image built by students of EJA, as these young people, adults and the elderly are perceived as a body, assuming that our experiences are emotional, bodily and relationships with others and with the world are key factors for the construction of the body image. For answers, for our purposes, we use the interview as an instrument for data collection and content analysis for interpreting communications. We understand that the scenario of EJA is heterogeneous, students with life stories so similar and yet so different, each subject used its own language to describe his view of the body. Our knowledge, the images constructed are consolidated from historical, social and cultural meanings instilled in the life history of these subjects.

Keywords: EJA, Body Image, Body.

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: RELAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL

AS PRIMEIRAS PALAVRAS: CONHECENDO A PESQUISA

Para compreendermos o cenário da Educação de Jovens e Adultos (EJA), precisamos estar atentos às especificidades etária, sociocultural e ético-política, e identificar e compreender quem são os jovens, adultos e idosos atendidos por essa modalidade de educação. Para, a partir deste contexto, concretizar ações pedagógicas e educativas capazes de lançar um cidadão assumido como ser social, histórico, transformador de sua própria realidade. A especificidade etária justifica-se, pois a EJA é direcionada a jovens, adultos e idosos. A especificidade sociocultural se dá por encontrarmos nos grupos de EJA, predominantemente, pessoas de classe social economicamente baixa. A especificidade ético-política acontece por nos depararmos com uma relação de poder, construída através de reproduções e práticas discriminatórias e excludentes, existente entre os escolarizados e não escolarizados, entre os alfabetizados e os não-alfabetizados (OLIVEIRA, 2005).

Assim, faz-se necessário que a educação seja reflexiva e de ações educativas que contemple um grupo de pessoas relativamente singular, com um histórico de vida, por vezes, difícil e um caminho percorrido cheio de entranhas. Para Paulo Freire, a história é um processo dialético humano, pois “não apenas temos história, mas fazemos a história que igualmente nos faz e que nos torna, portanto, históricos” (FREIRE, 2000, p. 40) e de possibilidades, se considerarmos que estamos sujeitos a mudanças. O grupo da EJA, então se pode dizer que, está composto por pessoas que buscam construir e/ou modificar a sua História. Neste processo de formação do sujeito o sonho e a esperança de modificação da sociedade tornam-se indispensáveis.

Neste processo histórico de formação do ser humano também se leva em consideração que o SER existe no mundo e sua relação se dá enquanto corpo consciente. Os fatores históricos levam os indivíduos a se relacionar com seu corpo de modo satisfatoriamente positivo ou não. Neste processo estão inclusos a formação da imagem corporal e o modo como o indivíduo se relaciona consigo.

Esta Imagem corporal para Schilder (1999) é uma representação mental que temos de nosso corpo. Freitas (1999) a apresenta como um conceito de vivência que se constrói sobre o esquema corporal, considerando nesta construção de imagem os afetos, os valores, a história pessoal, representada através de gestos, olhares, no corpo que se movimenta e repousa no decorrer deste escrito estaremos apresentando outros autores para o entendimento acerca do tema Imagem Corporal.

Partindo do cenário da EJA, perpassando pela importância da história de vida e vivências para a formação de um sujeito e construção de sua Imagem Corporal, surgiu a intenção de averiguar quais são as imagens corporais construídas por alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA)?

As indagações sobre o tema surgem a partir da reflexão de como esses jovens, adultos e idosos sentem-se como corpo, partindo do princípio de que nossas vivências sejam emocionais, corporais e de relações com o outro e com o mundo são fatores primordiais para a construção da Imagem Corporal. Portanto o objetivo do trabalho se constitui em verificar a percepção da Imagem Corporal de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), procurando compreender a relação da história de vida do aluno da EJA com a construção/percepção da Imagem Corporal; além de verificar e analisar as diversas manifestações de compreensão de corpo; as vivências e influências marcantes dos indivíduos no processo de construção da Imagem Corporal.

A pesquisa caracterizou-se como qualitativa, um estudo descritivo, partindo do entendimento de Molina (2004), pois a mesma compreende atividades de investigação e descrição dos traços específicos e comuns com o objetivo de atingir uma interpretação da realidade pesquisada pelo viés qualitativo. Concordando com Ferreira (1998), a coleta de dados é um processo de comunicação, relação e intervenção social. Para este escrito utilizamos a entrevista enquanto instrumento de coleta de dados por meio de impressões pessoais de cada indivíduo participante da pesquisa, o objeto foi semiestruturado com temas pertinentes ao estudo.

Os participantes foram cinco alunos da EJA, de uma Escola Estadual de Ensino Básico, em fase final do Ensino Fundamental. O primeiro contato estabelecido foi com a Direção da Escola, onde a proposta do estudo foi apresentada, e a partir disso com os alunos envolvidos. A participação efetiva, do público alvo nesta pesquisa, consistiu na participação da entrevista, respondendo às perguntas pré-estabelecidas referentes a opiniões e percepções que o indivíduo tem sobre seu corpo e as contribuições da vida escolar para a construção de Imagem Corporal.

Asseguramos, por meio dos documentos “Termo de consentimento livre e esclarecido” e “Termo de confidencialidade”, que as informações fornecidas terão sigilo de identidade garantida e serão utilizadas exclusivamente para a execução deste estudo. No decorrer do texto os alunos serão identificados com nomes fictícios (Hortência, Begônia, Cravo, Lírio e Antúrio), os nomes não possuem nenhuma semelhança aos nomes reais.

Para a análise das entrevistas tomamos como suporte a Análise de conteúdo de Bardin (2009), para a autora este método é um conjunto de técnicas de análise das comunicações coletadas, este deve obter uma organização prévia; codificação de resultados; categorizações; as inferências e a informatização da análise. A pré-análise; a exploração do material; e o tratamento dos resultados (a inferência e a interpretação) são as três fases da análise de conteúdo. Utilizamos a associação de palavras para fazer surgir espontaneamente associações relativas às palavras exploradas que deram sentido aos objetivos do estudo.

ENTENDIMENTOS A CERCA DA CONSTRUÇÃO DE IMAGEM CORPORAL

Para compreendermos este processo de construção da Imagem Corporal, nos reportamos a Shontz, (1977) *apud* Tavares (2007) quando escreve que os conceitos de Imagem Corporal estão cada vez mais confusos, por existirem diversas maneiras de descrição. Para ele o significado específico de Imagem corporal e suas relações com outras construções teóricas são ignoradas ou descritas de forma imprecisa. O mesmo afirma que a Imagem corporal é fisiológica e psicológica, podendo ser modificada tanto por alterações na estrutura corporal, quanto pelo aprendizado.

Para Rodrigues (1987) o esquema corporal é uma estrutura neuro - motora, que possibilita ao indivíduo perceber e ter consciência do seu corpo anatômico, estando a Imagem corporal intimamente relacionada com a consciência que este indivíduo tem do seu corpo em termos de julgamentos de valores ao nível afetivo.

Podemos dizer, então, que o esquema corporal é o corpo concreto e orgânico, a anatomia humana com as diferentes partes que a integram, um conjunto biológico e fisiológico que se desenvolve e cria vida quando é preenchido de representações. A Imagem corporal se estrutura a partir da construção deste esquema, constituindo o ser sujeito. Pois o corpo humano não é somente a razão, ele tem sentidos, vivências afetivas positivas e negativas, passa por diversas

experiências de movimentos que, no esquema corporal, o indivíduo vai dando importância para as representações de cada parte do corpo, enriquecendo a formação de juízos de valores, contribuindo para a percepção e (re) construção da Imagem corporal (FREITAS, 1999).

Schilder (1999) na tentativa de facilitar a compreensão de sua proposta sobre Imagem corporal, apresenta uma lista com 10 proposições a respeito do assunto, seguem algumas delas:

(...) 2 – A relação com as imagens corporais alheias é determinada pelo fator de proximidade ou afastamento espacial e pelo fator de proximidade ou afastamento emocional.

(...) 6 – As imagens corporais são, a princípio, sociais. Nossa própria imagem corporal nunca está isolada. Pelo contrário, está sempre acompanhada pelas imagens corporais dos outros.

7 – Nossa imagem corporal e a imagem corporal dos outros não dependem primariamente uma da outra. Têm a mesma importância e uma não pode ser explicada pela outra.

(...) 10 – Estamos sempre enfatizando que o modelo postural do corpo não é estático e está sempre se modificando segundo as circunstâncias da vida. Encaramo-lo como uma construção criativa. É construído, desmanchado e reconstruído. (Schilder, 1999, p. 266-7).

A imagem do corpo está sempre em constituição, modificando-se através de alterações posturais e de movimentos (SHILDER, 1994). Para Nanni (2003) o conhecimento e a percepção do corpo é um processo ativo e dinâmico. Nossa imagem muda continuamente, sofre deformações, ora é gigante, ora é pequena, cada interferência leva à uma nova percepção do corpo. Dentre os fatores importantes, neste processo de percepção, estão os órgãos dos sentidos que contribuem de forma anatômica e fisiológica para a percepção da imagem corporal, que ora é determinado pela figura visual, ora pela sensação tátil relacionada à função da pele.

Há um processo contínuo de destruição e reconstrução da imagem do corpo, fraturamos nossa imagem, ao mesmo tempo em que, acabamos de criá-la. Vários elementos influenciam nesta constituição como os estados emocionais, os conflitos psíquicos, as relações sociais entre personalidades e corpos que se diferem, se fundem e se completam (SHILDER, 1994). Há uma relação de troca, a imagem corporal doa parte de si para o mundo externo ao mesmo tempo em que toma dele para si (SHILDER, 1999).

Damásio (1996) traz outros elementos interessantes sobre a discussão da constituição da imagem corporal. O autor escreve que neste processo existem aspectos com maior mutabilidade e

outros mais estáveis, ele cita o exemplo do cérebro “os circuitos que nos ajudam a reconhecer nosso rosto no espelho, hoje, sem qualquer surpresa, alteram-se sutilmente para acomodar as modificações estruturais que a passagem do tempo provoca em nossa face” (p. 141), pois se estes sofressem alterações contínuas teríamos grande dificuldade para reconhecer o outro e a nós mesmos, como corpo e como sujeito. Mas o autor acredita na existência desta constante atualização, construção e (re) construção, de representação do corpo, bem como na existência de uma tendência, o que o nosso corpo tende a ser, uma espécie de base para a representação da noção de corpo.

O CENÁRIO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: PERFIL DOS NOSSOS COLABORADORES

Quando falamos em Educação de Jovens e Adultos (EJA), precisamos estar conscientes que nesta modalidade nos deparamos com recortes da sociedade. Algumas questões são abordadas e justificadas por Oliveira (2005) enquanto especificidades. Então encontramos a especificidade etária, pois a EJA é direcionada a jovens, adultos e idosos, que não tiveram acesso à escola, na faixa etária de escolarização (dos 07 aos 14 anos) ou foram evadidos ou expulsos da escola. Nosso grupo de colaboradores esteve composto por cinco pessoas, sendo duas pessoas do sexo feminino e três pessoas do sexo masculino, as idades variaram entre 15 e 38 anos, sendo um grupo caracterizado, predominantemente de jovens.

A especificidade sociocultural, segundo Oliveira (2005), se dá por encontrarmos nos grupos de EJA, predominantemente, pessoas de classe social economicamente baixa. Em geral são trabalhadores assalariados, do mercado informal ou do campo, que lutam pela sobrevivência na cidade ou no interior. Em nosso grupo de colaboradores as adolescentes exercem profissões relacionadas aos cuidados domésticos e de crianças, entre os adolescentes cargos de secretariado. A renda familiar do grupo entrevistado varia de um a três salários mínimos. Dos cinco entrevistados, quatro estão solteiros e um é divorciado, sendo o único que tem um filho.

Por fim a especificidade ético-política, quando há uma relação de poder, construída através de reproduções e práticas discriminatórias e excludentes, existente entre os escolarizados

e não escolarizados, entre os alfabetizados e os não-alfabetizados. As pessoas são rotuladas de “burras”, “Mobral”, manifestam um sentimento de sofrimento ético-político de injustiça perante os “escolarizados” e um sentimento de inferioridade e de incompetência, podendo resultar na perda da auto-estima frente a sua família e ao seu grupo social (OLIVEIRA, 2005).

O adulto na EJA, conforme Oliveira (1999), com baixo nível de instrução escolar (muito frequentemente analfabetos), com uma passagem curta e não sistemática pela escola busca na EJA a alfabetização ou cursar algumas séries do ensino supletivo para obter um resultado imediato, o que confirmamos em nosso grupo de entrevistados, quando o único adulto afirma que parou de estudar por acreditar que o que tinha cursado até então era suficiente.

[...] Daí comecei, daí parei, (...) quando vi que não ia mais estudar eu pensei que, pensei que os estudos, o que eu tinha, não ia, tava bom pra mim, mas hoje eu vejo que não é bem assim não. Hoje pra ti, pra ti ser um garí tem que ter o primeiro grau completo (Antúrio, 38 anos).²

Antúrio destaca ainda a importância de estudar hoje, para ele foi o ingresso na EJA, após 15 anos de ter parado de frequentar a escola, o motivo que o possibilitou um trabalho com melhores condições.

[...] Então, o que que tu tem que fazer, tu tem que estudar né? Tu não pode ficar, digamos, pensando só que, naqueles estudos, por causa que, agora que eu voltei a estudar né, eu sou funcionário público né, sou concursado, mas pretendo ir além né, agora que eu comecei a estudar, não vou para né? (...) esses foram o motivo que me levaram a voltar a estudar né, vi que o que eu tinha, não, não, assim digamos que não me servia né, e digamos que eu tenho que, eu tenho que estudar, eu tenho que ir a frente né.

Percebe-se na fala do colaborador que o interesse em retornar aos estudos esteve diretamente ligado à necessidade de concluir o Ensino Fundamental para atender às exigências do mercado de trabalho, assim, Carvalho (2011) afirma ser este o principal motivo da geração de adultos que retornam às salas de aula da EJA.

Para Oliveira (1999) o jovem, na EJA, como o adulto descrito acima, também é um excluído da escola, porém advindo do território da educação regular há pouco tempo, geralmente

² Entrevista realizada em 24 de setembro de 2013, às 20h30min no Município de Santo Augusto – RS. Arquivo mp3 de 14 minutos e 37 segundos, transcrito em documento Word.

está incorporado aos cursos supletivos em fases mais adiantadas da escolaridade, portanto tem maiores chances de concluir o ensino fundamental ou mesmo o ensino médio. Atualmente há um aumento do número de jovens que frequentam a EJA, o que podemos verificar entre nossos colaboradores, onde os jovens entre 15 e 18 anos representam 80% do grupo. Oliveira (1999), ao escrever sobre a juvenilização³ das turmas na EJA, assinala três grandes questões sociais responsáveis por esse processo. A Vulnerabilidade, pois muitos enfrentam problemas com uso de drogas, exploração juvenil, violência e pobreza extrema, situações que impedem que tenham a educação como prioridade, resultando no abandono da escola. A Gravidez precoce, que afeta principalmente as meninas, com a chegada do primeiro filho, ainda na adolescência, as jovens param de estudar para cuidarem de seus filhos, quando conseguem retornar aos estudos a opção é as turmas de EJA, assim estudam com colegas mais velhos e concluem o curso em menor tempo.

Outra questão social é o trabalho, quando há a necessidade de auxiliar na renda familiar, a primeira opção dos jovens é abandonar a educação regular, para conciliar estudo e trabalho optam pelas turmas de EJA, por serem noturnas e com curto tempo de formação. Esta última questão apresentada por Oliveira (1999) foi o grande fator que levou o nosso grupo de pesquisados jovens ingressarem na EJA, 60% do grupo afirmou ter migrado para o ensino noturno para trabalhar durante o dia. “[...] É o meu trabalho, eu tinha que trabalha, daí lá eu estudava de manhã (...) Daí eu comecei a trabalha de, o dia todo daí eu tive que vim pro EJA (Begônia, 16anos)⁴; “[...] Que eu comecei a trabalha (...). Daí vim pra de noite” (Cravo, 15 anos)⁵.

Carvalho (2011) afirma que estudar a noite para os adolescentes é por vezes a única alternativa para sanar necessidade de auxiliar na renda familiar, também pode ser uma alternativa para os pais que tentam afastar os filhos da rua e dos riscos de marginalidade. A autora ainda apresenta os casos onde as reprovações frequentes são motivos de inserção no EJA, o que também verificamos em nosso público: “[...] Bom, eu rodei⁶ dois anos, daí como que pra adianta esses anos eu vim aqui pra escola, pra essa escola faze o EJA” (Lírio, 17 anos)⁷.

³ Termo utilizado por Carvalho (2011) para explicar o aumento do número de jovens nas turmas da EJA.

⁴ Entrevista realizada em 24 de setembro de 2013, às 19h50min no Município de Santo Augusto – RS. Arquivo mp3 de 5 minutos e 58 segundos, transcrito em documento Word.

⁵ Entrevista realizada em 24 de setembro de 2013, às 20h02min no Município de Santo Augusto – RS. Arquivo mp3 de 6 minutos e 47 segundos, transcrito em documento Word

⁶ *Rodei*: termo utilizado pelo aluno para reprovação.

⁷ Entrevista realizada em 24 de setembro de 2013, às 20h15min no Município de Santo Augusto – RS. Arquivo mp3 de 05 minutos e 07 segundos, transcrito em documento Word

Podemos afirmar que o cenário da EJA é heterogêneo em todas as esferas encontradas, não há um perfil que defina os alunos desta modalidade de ensino, cada caso é singular. “Há diferenças de gênero, cores, locais de procedência, idades, religiões, constituições familiares, escolaridade dos pais, diferentes inserções e não inserções no mercado de trabalho” (CARVALHO, 2011, p. 26). O que torna o trabalho desafiador e prazeroso à medida que vamos encontrando as possibilidades de construir uma proposta de ensino capaz de englobar todas estas diferenças sem a intenção de torná-los iguais, mas sim cada vez mais singulares, sujeitos transformadores de sua própria história.

O PROCESSO HISTÓRICO, A FORMAÇÃO DO SUJEITO E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL: LEMBRANÇAS DO TEMPO DE ESCOLA

A História é tempo de possibilidade e não de determinações. E se é tempo de possibilidades, a primeira consequência que vem à tona é a de que a História não apenas é, mas também demanda liberdade. Lutar por ela é uma forma possível de, inserindo-nos na História possível, nos fazer igualmente possíveis (FREIRE, 1993, p. 35).

Ao pensarmos nas palavras de Freire (1993), quando escreve que fazemos história e somos históricos, que essa História é a possibilidade, podemos afirmar que somos sujeitos que constroem a própria História, somos sujeitos livres para a escolha do que ser e como agir.

Quando falamos em processo histórico de formação, não podemos esquecer que, o ser humano também é um ser concreto, que existe no mundo e sua relação com o mundo se dá enquanto “corpo consciente”, a consciência é intencionada para fora do sujeito, para um mundo que não é somente um objeto de contemplação, mas tem os legados das ações deste sujeito enquanto corpo. Neste estudo, quando questionados sobre o corpo nas aulas do ensino regular, o que era trabalhado e de que forma, o grupo reduziu a conversa para a prática de exercícios, esportes e brincadeiras, fazendo uma relação direta de corpo e atividade, caindo na discussão dualista de corpo e mente.

[...] Eu mais gostava, nós brincava de caçador e a que eu menos gostava era futebol. Por, caçador é que a gente se divertia, dava risada e futebol é que eu nunca gostei de futebol (risos) (Hortência, 16 anos).⁸

[...] Muito pouco, porque a gente mal e mal fazia um, como eu posso dizer, aquecimento e ia jogar, assim não tinha (Lírio).

[...] Eu mais gostava era brincar de caçador, porque jogar bola nunca foi bom né, brincar de caçador e brincar de basquete né, de jogar basquete, porque eu sempre fui um aluno assim grande, alto né daí gostava de jogar basquete e também gostava de jogar vôlei né, também né. E assim, foi isso que marcou a minha infância né (...) (Antúrio).

Percebe-se nas falas que os entrevistados remetem as lembranças do corpo ora aos jogos e brincadeiras ora somente ao alongamento, exercícios estáticos. Nesta relação, não é visualizado o ser humano enquanto ser de práxis (reflexão-ação) ou compreendido como histórico-cultural. Assim, podemos compreender Freitas (1999) quando apresentou a Imagem Corporal enquanto um conceito de vivência que se constrói sobre o esquema corporal, indicando que o corpo humano também é SER humano de sentidos afetivos positivos e negativos, lembrando que os entrevistados apontam atividades que mais gostavam e as que menos gostavam. Mesmo que não apresentaram em suas falas, sabemos que há contribuição para a percepção e (re)construção da Imagem corporal, dos afetos, dos valores, da história pessoal, representada através de gestos, olhares, no corpo que se movimenta e repousa.

A percepção sobre os corpos é múltipla e Tavares (2007), complementa que a imagem corporal é dinâmica, passível de intervenções e mudanças durante toda a vida, pois é construída em um determinado corpo e este se modifica a cada instante por estar em constante processo de formação.

Para Castilho (2001) é o corpo que concretiza a existência do indivíduo, pois a partir dele, percebe-se, é percebido e interage-se com tudo e todos que o cerca. Assim, a identidade humana é inseparável de seu fundamento somático. O modo como as pessoas existem determina sua forma de existir no mundo. Na fronteira entre o eu e o mundo, o corpo é linguagem, comunicação, o meio de expressão.

⁸ Entrevista realizada em 24 de setembro de 2013, às 19h35min no Município de Santo Augusto – RS. Arquivo mp3 de 08minutos e 28 segundos, transcrito em documento Word

A EDUCAÇÃO FÍSICA: AS RELAÇÕES COM O CORPO E A IMAGEM CORPORAL

Shilder (1999) afirma que nossa Imagem Corporal está relacionada com a imagem daqueles que estão a nossa volta, sofrendo interferências, bem como dos acontecimentos passados e presentes. Para os alunos da EJA, as vivências corporais do passado e do presente se mesclam, sabemos que problematizar questões sobre o corpo nas aulas de Educação Física é uma tarefa, por vezes confusa, visto que a concepção predominante ainda é o corpo biológico e fisiológico, o corpo enquanto construção histórica, social e cultural ainda não é notada em nosso cenário educacional. O que não significa que ela não esteja acontecendo.

[...] Sim, lembro, lembro perfeitamente como se fosse hoje, a gente, a gente assim jogava bola, a gente brincava, ahn, assim várias brincadeiras né, que a gente brincava (...) de caçador, (...) enormes brincadeiras, que tu pulava corda, tu jogava basquete, tu jogava vôlei né (Antúrio).

Carvalho (2011) entende o corpo como um conteúdo nas aulas de Educação física, possibilitando a percepção deste corpo na condição de fenômeno histórico-social, mas para isso faz-se necessário reconhecer nossas capacidades de andar, comer, respirar e as demais, não apenas como naturais. Quando questionados sobre o que é o corpo e para que ele serve, nosso grupo de colaboradores apresentou falas redundantes e simplificadas ao movimento.

[...] O corpo é (...), serve pra várias coisas né? (risos), mas, é importante, não sei. (...) fazer ginástica, ahn movimentos, (silêncio), é eu acho (...) caminha bastante, suar, higiene, faz higiene também né (Hortência).

[...] Corpo, normal (...) Pra fazer movimentos (Begônia).

[...] É, sei lá, é, o professor fala bastante disso. De cuida, e, exercício pra faze (...) Ah que é bom pratica esporte duas vez por semana, não confundi esporte com, com, ai agora não me lembro o que ele diz (Cravo).

[...] Digamos que pra mim, corpo pra mim é um corpo saudável né, corpo pra mim é, é tu ter saúde né, corpo é tu se divertir, é tu né, é tu fazer tudo o que tu pode fazer né, pra mim no caso, eu acho que seria isso né (...). Porque sem ele, sem você tá em dia com o teu corpo você não consegue fazer nada, por isso que tu tem que tá em dia tenta fazer tudo que, assim de bom, ahn que, é fazer caminhadas, é fazer tudo que é exercício né, pra deixa o corpo em dia né (Antúrio).

O movimento é parte complementar do comportamento, sua origem, e de toda a ação voluntária, não se faz dentro do organismo, mas a partir da história social do homem. O movimentar-se é rico de diversos sentidos, valores e atribuições definidas culturalmente. “A linguagem do corpo, sem pré-conceitos, sem medos, com prazer e superação pode ser uma realidade nos diferentes espaços ocupados pelos alunos da EJA. O encontro do corpo, da inteligência, do afeto” (CARVALHO, 2011, p. 32).

As relações com outros corpos contribuem para o processo de construção da imagem corporal, porém esta ação contínua não deve ser encarada como um processo de fora para dentro e nem de dentro para fora, mas sim que existe uma relação entre o que está dentro e o que está fora, entre o “nós” e o “outro” (SHILDER, 1999). “Eu gosto de alonga, ahn, quando a gente faz brincadeira assim com todos os aluno que é bom, todo mundo participa, e é bom”(Hortência).

Carvalho (2011) afirma que as atividades aproximam as pessoas, possibilitando espaços para troca de afetos, amizades, educando esta relação sociocultural do corpo e proporciona um encontro conduzido de forma competente e amorosa por professores de Educação Física, que encontram na EJA alunos mais velhos que acham que não é mais importante, pois não estão mais em idade de brincar; e os jovens que só querem jogar futebol. É um trabalho constante de tentativas de mostrar quais conteúdos são integrantes desta Educação Física de Jovens e Adultos, e de que forma esta disciplina ainda contribui para os mais velhos e muito tem a contribuir para os mais jovens. Uma Educação Física de brincadeiras e jogos, mas, além disso, que os alunos percebam que o professor não está ali para fazer qualquer coisa, que há o anseio de contribuir para transformar sujeitos de diferentes corpos, de diversas vivências, entendendo que “Cada corpo é um corpo e cada corpo traz em si inúmeras possibilidades de prazer e alegria” (CARVALHO, 2011, p. 108).

Para Carvalho (2011) essa construção simbólica do corpo tem suporte físico, afetivo e cultural nas construções das significações sociais. O corpo é biológico, mas não é só isso, não podemos separar o biológico do cultural, mas também não podemos entender que o corpo seja uma coisa ou outra, essas esferas se entrelaçam e o entendimento e a percepção da noção de corpo varia de acordo com a visão de mundo de cada sujeito, e principalmente de acordo com a importância e significado que os aspectos históricos, sociais e culturais assumem nessa visão que resulta em uma construção de imagem corporal que vá além do biológico.

Os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos (professores e alunos) precisam ter a clareza de que “Um corpo não é apenas um corpo, é também o seu entorno” (GOELLNER, 2003, p. 29). Ao nos depararmos com expressões: “*Bah, corpo, não sei explicar*” ou “*Bah. (...) Sei lá, não sei*”. Entendemos que os entrevistados negam sua essência enquanto sujeitos, desconhecem o corpo cotidiano, os significados do corpo biológico, do corpo físico, do corpo cultural, do corpo afetivo, do corpo social, do ser corpo sujeito, indivíduo que faz história e é história. Apresentam-se indiferentes com o seu corpo e para com o corpo do outro, levando-nos a entender Carvalho (2011) quando escreve que,

O corpo aprende, apreende e cria. A sensibilidade à experiência estética é a sensibilidade à existencialidade corporal. O corpo saudável é o que se reconhece e se acolhe como território irreduzível da vida e, nesta, se organiza e produz o campo das negociações e diálogos culturais. Deste modo, a pouca consciência corporal ou a sua artificialização pelo assujeitamento inibe e blinda as capacidades da criação e fruição estética, porquanto a autopoiesis do praticante foi corrompida ou não aconteceu (CARVALHO, 2011, p. 158).

O ciclo contínuo de construção e desconstrução da imagem corporal leva o sujeito a não formar uma concepção exata sobre o que é o corpo, pois as relações estabelecidas com o meio, com outros corpos, sensíveis, orgânicos, simbólicos, políticos, diferentes é dinâmica e influencia diretamente na construção de identidade do sujeito. Aqui está a ação da Educação e da Educação Física, pois se a construção identitária passa pela construção da imagem e vice e versa, faz-se necessário garantir uma educação corporal que compreenda o sujeito enquanto ser histórico, social e cultural capaz de construir possibilidades de transformar realidades. Um desafio muito grande para a EJA, que em seu público predomina a condição nômade do aluno que é por vezes relutante ao novo, mas também credita no docente e na instituição escolar a possibilidade de formar-se enquanto cidadãos (CARVALHO, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir esta experiência gostaríamos que o presente artigo tivesse respostas fulgentes para as perguntas que instigaram o início do estudo, porém quanto mais buscamos respostas mais

perguntas encontramos no caminho. Compreendemos que o cenário da EJA é instigante pela sua heterogeneidade, alunos singulares que mostraram histórias de vida tão semelhantes e ao mesmo tempo tão distintas, pois cada indivíduo encara a realidade a sua maneira, enquanto uns acreditam na educação e no trabalho da escola, outros estão ali somente para concluir seus estudos.

Acreditamos que cada sujeito usou de uma linguagem própria na descrição ou na tentativa de descrever a sua concepção de corpo, mas a maioria caminhou para um mesmo destino, o corpo que se movimenta, o corpo que serve para o trabalho, o corpo que faz atividades físicas, o corpo saudável. Podemos afirmar que esta imagem construída está consolidada a partir de significados históricos, sociais e culturais incutidos na história de vida destes sujeitos que interromperam uma fase de suas vidas para ingressarem no mercado de trabalho e continuam construindo uma história em um cenário escolar ainda discriminado pela sociedade. Constroem uma imagem corporal em um cenário de cobrança por corpos obedientes, disciplinados para o trabalho e sob a pressão da cultura do corpo perfeito, magro e padronizado. A imagem corporal construída pelos alunos da EJA, também é simbólica, emotiva, comunicativa, mas a sua maneira. Estas emoções e sentimentos, enraizados nesta imagem corporal construída pelos alunos da EJA, em nenhum momento nos foram reveladas.

Afirmamos que a percepção da noção de corpo varia de acordo com a importância que cada sujeito deposita aos aspectos históricos, sociais e culturais, resultando em uma construção de imagem corporal que vá além do biológico ou não. Portanto concluímos que esta é a relação da Educação Física e a construção da imagem corporal, fazer com que os sujeitos atores da Educação de Jovens e Adultos (professores e alunos) e demais níveis de Educação compreendam que o corpo possui significados biológicos, físicos, culturais, afetivos, sociais, cotidianos do ser corpo sujeito, indivíduo que faz história e é história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

CARVALHO, R. M. **Educação Física escolar na educação de jovens e adultos**. 1ª.ed. – Curitiba, PR: CRV, 2011.

CASTILHO, S.M. **A imagem corporal**. 1ª.ed. - Santo André, SP: ESSE Tec. Editores Associados, 2001.

DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes**. Companhia das letras, São Paulo, 1996.

FERREIRA, E. L. **Dança em cadeira de rodas: os sentidos da dança como linguagem não-verbal**. – Dissertação de Mestrado – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física - Campinas, SP: [s.n], 1998.

FREIRE, P. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP. 2000.

_____ **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 6ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____ **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993a.

_____ **Política e educação**. São Paulo: Cortez. 1993b

FREITAS, G. G. **O Esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade**. Ed: Unijuí/ Ijuí/RS, 1999.

GOELLNER, S. **A produção cultural do corpo**. In: LOURO, G.L.; NECK-EL, J.F. (Orgs). **Corpo gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOLINA, R. M. K. **O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória**. In A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas/Organizado por Augusto Nivaldo Silva Triviños e Vicente Molina Neto; Juana Maria Sancho Gil... [et al.]. – 2 ed. – Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2004.

NANNI, D. **Ensino da Dança: enfoques neurológicos, psicológicos e pedagógicos na estruturação/expansão da consciência corporal e da auto-estima do educando.** Editora Shape, Rio de Janeiro/RJ, 2003.

OLIVEIRA, A. M. M. **Estudo da vivência do bailarino em cena: Relações com traços de personalidade e qualidades de interpretação artística.** Tese de Doutorado Europeu em Motricidade Humana na especialidade de Dança atribuído pela Faculdade de Motricidade Humana com a colaboração da Université Libre de Bruxelles, Université Paris V e University of Surrey, 1994.

OLIVEIRA, I. A. **Princípios Pedagógicos na Educação de Jovens e Adultos.** Biblioteca Digital EJA/2005. Acessado em 21 de outubro de 2011

OLIVEIRA, M. K. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem.** Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, trabalho apresentado na XXII Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, Setembro de 1999. Biblioteca Digital EJA/2005. Acessado em 21 de outubro de 2011 http://www.eja.ce.ufpb.br/eja/Controle?op=detalhe&tipo=Art_revista&id=151

RODRIGUES, D. A; **Corpo, espaço e movimento. Estudo da relação entre a representação espacial do corpo e o controle da manipulação e da locomoção em crianças com paralisia cerebral.** Universidade Técnica de Lisboa, 1987. [Tese de Doutorado]

SCHILDER, P. **A imagem do corpo.** 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **A imagem do corpo: as energias construtivas da psique.** Trad. Rosanne Wertman. São Paulo: Martins Fontes; 1999.

TAVARES, M. C. (org.). **O Dinamismo da Imagem Corporal.** Ed. Phorte. São Paulo/SP, 2007.